

NARRATIVAS DO SABER-FAZER E A DESMATERIALIZAÇÃO DO DESIGN: codesign de sistema produto-serviço com as artesãs da Boa Vista

NARRATIVES OF KNOW-HOW AND THE DEMATERIALIZATION OF DESIGN: codesign of a product-service system with the craftswomen of Boa Vista

FARIAS, Luiza Gomes Duarte de; Mestranda em Design; UFMA

luizaduartef@gmail.com

FEITOSA, Isabella Martins; Graduanda em Design; UFMA

isabella.mf@discente.ufma.br

NORONHA, Raquel Gomes; Doutora em Ciências Sociais; UERJ

raquel.noronha@ufma.br

IZIDIO, Luiz Claudio Lagares; Doutor em Design; UEMG

lagaresiz@gmail.com

Resumo

O artesanato com a fibra do buriti é um saber-fazer ancestral presente no cotidiano das artesãs da comunidade da Boa Vista (Barreirinhas - MA). A pesquisa em epígrafe busca, por meio do processo de codesign de um sistema produto-serviço (PSS) alinhado as abordagens do design participativo e design antropologia, refletir sobre como a desmaterialização do design contribui para a continuidade desse saber-fazer, ao analisar as narrativas ao longo do delineamento do PSS voltado ao turismo de base comunitária. Sendo assim, a investigação caracteriza-se como qualitativa, de natureza aplicada e seus objetivos de ordem exploratória e descritiva. Portanto, evidencia-se que a desmaterialização permite o prolongamento cultural do saber-fazer através da narração oral, da construção de relações e da tangibilização de conhecimentos tácitos. Estes aspectos possibilitaram a produção de um plano comum entre pesquisadoras e artesãs, materializando o PSS por meio da encenação e da contação de histórias.

Palavras Chave: desmaterialização do design; artesanato; codesign

Abstract

Handicrafts made from buriti fiber are an ancestral know-how present in the daily lives of the artisans of the Boa Vista community (Barreirinhas - MA). Through the codesign process of a product-service system (PSS) aligned with the approaches of participatory design and design anthropology, the research in question seeks to reflect on how the dematerialization of design contributes to the continuity of this know-how, by analyzing the narratives throughout the design of the PSS aimed at community-based tourism. As such, the research is characterized as qualitative, of an applied nature and its objectives are exploratory and descriptive. It is clear that dematerialization allows the cultural extension of know-how through oral storytelling, relationship building and the tangibilization of tacit knowledge. These aspects made it possible to produce a common plan between researchers and

artisans, materializing the PSS through staging and storytelling.

Keywords: *dematerialization of design; craftsmanship; codesign*

1. Introdução

No Maranhão, o artesanato em fibra de buriti consiste em um saber-fazer feminino passado de geração a geração (Keller, 2011). Para além da materialidade, a dimensão imaterial e simbólica do saber-fazer está no modo como as artesãs constroem narrativas em torno das suas produções, fazendo emergir valores sociais, culturais, emocionais, econômicos e ambientais.

O sistema produto-serviço (PSS: *product-service system*) consiste em uma estratégia de inovação que desloca a ênfase da produção de produtos físicos para a produção de um sistema de produtos e serviços integrados a fim de incidir na sustentabilidade da produção de uma forma expandida às dimensões ambientais, sociais, econômicas e culturais (Manzini e Vezzoli, 2002). Tal prerrogativa pode ser materializada em iniciativas como o turismo de base comunitária, definido como um modelo de gestão da visitação em que a comunidade assume o protagonismo, promovendo a vivência intercultural, a valorização da história e da cultura, a equidade social e a conservação da sociobiodiversidade (Brasil, 2019).

No âmbito da produção artesanal, a desmaterialização através do PSS convoca ao processo de tangibilização dos conhecimentos e a valorização das relações imbricadas no saber-fazer tradicional, produzindo valores, identidades, visões de mundos e territorialidades específicas a um determinado grupo social (Gonçalves, 2013). Assim, abordagens de design que buscam a cocriação de processos imateriais voltados ao artesanato são capazes de colaborar com a continuidade do saber-fazer tradicional, uma vez que suas práticas estão aptas a tangibilizar, preservar e atualizar os modos de ser, fazer e saber que se plasmam no fenômeno, como os processos de ensino-aprendizagem, a relação com o território e a construção da memória por meio de narrativas orais.

Portanto, este artigo objetiva a reflexão sobre como a desmaterialização da produção artesanal pode promover a continuidade do saber-fazer com a fibra de buriti na comunidade de Boa Vista, com base na análise do processo de construção de um sistema produto-serviço voltado ao turismo de base comunitária. Sendo assim, voltaremos nosso olhar aos processos de prototipação do PSS realizado pelo grupo de pesquisas Narrativas em Inovação, Design e Antropologia (NIDA) em colaboração com as artesãs da AABV - Associação de Artesãs da Boa Vista, localizada em Barreirinhas (MA), município a 260 quilômetros da capital¹. Além da produção de artefatos com a fibra de buriti, o grupo também desenvolve ações educativas na comunidade para a geração de renda e salvaguarda do saber-fazer tradicional.

As experiências aqui analisadas se desenrolaram por meio das etapas de idealização, seleção, mapeamento da jornada, prototipação interna e externa, reconhecendo, sobretudo, a organicidade dos processos em campo, capazes de produzir novos sentidos e ampliar as possibilidades processuais em torno do sistema produto-serviço e do turismo de base comunitária. Cabe ressaltar que o propósito não reside primeiramente na descrição metodológica do processo,

¹ Esta pesquisa conta com o apoio do CNPq, por meio do edital Bolsa produtividade em pesquisa (Processo 310905/2023-0), e com apoio da CAPES, por meio de Bolsa de Mestrado e Bolsa de Iniciação Científica. Este projeto é financiado pelo edital APP-FAPEMA 12178/22, com Bolsa de Pós-Doutorado Júnior vinculada ao CNPq e integra as ações do PROCAD-AM - Comunidades Criativas e Saberes Locais: design em contexto de baixa renda (CAPES).

mas na enunciação dos possíveis aspectos relacionados ao potencial da desmaterialização do saber-fazer em função do PSS, como a construção de relações e a valorização dos conhecimentos.

2. Narrativas e a dimensão imaterial do saber-fazer

A partir de uma perspectiva ontológica do design, entendemos que as comunidades atuam constantemente na criação de condições para a sua autonomia e dispõem de formas situadas de “design”, o que na visão de Escobar (2016) constitui um design autônomo: o modo como as comunidades produzem coisas (artefatos, serviços, modos de fazer, ações sociais) e, em contrapartida, essas coisas produzem-nas ontologicamente.

São formas de design autônomo os saberes e fazeres tradicionais, categoria que identifica a produção de artefatos que envolve conhecimentos de técnicas e manejos de materiais naturais, passados de geração em geração através da oralidade, constituindo os usos e costumes de determinado grupo social (Mascêne e Tedeschi, 2010). A expressão estabelece uma relação indissociável entre a dimensão imaterial e a dimensão material da produção artesanal, aliando as experiências simbólico-culturais em torno do fazer à experiência prática com a materialidade.

Estes saberes se caracterizam particularmente por sua natureza tácita, prática e relacional, compondo uma forma de conhecimento narrativo, como conceitua Ingold (2011). O mundo narrativo é um mundo em constante transformação, em que cada coisa “envolve dentro da sua constituição a história das relações que a trouxeram até aí” (p.176, tradução nossa).

Conhecer alguém ou alguma coisa é conhecer a sua história, e ser capaz de juntar essa história à sua. No entanto, é claro, as pessoas crescem em conhecimento não somente através de encontros diretos com outras pessoas, mas também por ouvir suas histórias contadas. Contar uma história é relacionar, em uma narrativa, as ocorrências do passado, trazendo-as à vida no presente vivido dos ouvintes, como se estivessem acontecendo aqui e agora. (Ingold, 2011, p.176, tradução nossa)

Ao longo de uma vida de prática, a produção do artesão e as narrativas da vida individual e coletiva tornam-se inseparáveis, pois a capacidade criativa se encontra na habilidade de resposta contínua às circunstâncias cotidianas. Cada resposta é uma linha que se entrelaça às outras em um campo de ações e relações em desdobramento. Em outras palavras, o saber narrativo possibilita a continuação das práticas e conhecimentos artesanais, pois emergem e se sustentam por meio de um complexo entrelaçamento de valores culturais, econômicos, ambientais e sociais.

De acordo com Santos (2019), a experiência é o que nutre a acumulação destes saberes narrativos ao longo da existência, portanto, não se tratam de saberes especializados, mas constituem aspectos epistemológicos elaborados de modo gradual, orgânico, sendo continuamente feitos e refeitos.

Quando inserido ao contexto do turismo de base comunitária voltado ao artesanato tradicional, o sistema produto-serviço desloca o foco nos artefatos para evidenciar os atributos intangíveis que estão implícitos às especificidades produtivas dos grupos artesanais. Dessa forma, a tangibilização destes atributos parte de um diálogo - nem sempre harmônico - entre as pautas dos projetos de design e as histórias, valores, aspirações e modos de vida das comunidades (Tunstall, 2013).

Segundo MacDonald (2020), os objetos artesanais dotados de identidade cultural narram histórias de um longo processo de adaptação, negociação e transformação frente às relações com

atores e visões de mundo hegemônicas. Tais narrativas não são estáticas, mas continuam a ser produzidas diariamente pelas artesãs e artesãos no emaranhado do fazer cotidiano, criando coisas em resposta aos novos desafios que emergem no contexto contemporâneo.

Para Rueda (2022), uma investigação sobre e por meio de narrativas deve levar a uma realocação performática, em que os narradores - as comunidades e indivíduos participantes - tornam-se os conhecedores, aqueles que detêm o saber, enquanto o pesquisador assume o papel de narrador, ao contar o vivenciado a partir de um certo ponto de vista. Assim, uma narrativa deve preservar seu vínculo territorial e simbólico, isto é, “instalar-se em um espaço que a valorize e a delimite, a faça falar mais do que fala” (Rueda, 2022, p.21, tradução nossa). Isto ressoa nas reflexões de Rivera Cusicanqui (1987), quando a autora debate sobre o potencial epistemológico e teórico da história oral, entendida muito mais do que uma metodologia participativa, pois é também

um exercício coletivo de desalienação, tanto para o pesquisador quanto para seu interlocutor. [...] Por isso, ao recuperar o estatuto cognoscitivo da experiência humana, o processo de sistematização assume a forma de uma síntese dialética entre dois (ou mais) polos ativos de reflexão e conceituação, já não entre um "eu cognoscente" e um "outro passivo", mas entre dois sujeitos que refletem juntos sobre sua experiência e sobre a visão que cada um tem do outro. (Rivera Cusicanqui, 1987, p.10-11, tradução nossa)

Assim, as narrativas são as matérias-primas para potencializar a continuidade do saber-fazer: internamente aos grupos artesanais, permitem a partilha do conhecimento para novas gerações, a atualização da memória, e tangibilizar a imaginação sobre cenários futuros; e externamente, colaboram ao processo de comunicação e trocas com atores exógenos, facilitando o entendimento e percepção dos valores impressos na produção. Dado o seu caráter intangível, a construção de sistema produto-serviço por meio de uma ótica situada conduz à operacionalização desses processos, tendo em vista os modos de fazer e as visões de mundo das comunidades.

3. Abordagem metodológica

Esta pesquisa é de caráter qualitativo, natureza aplicada e seus objetivos são de ordem exploratória e descritiva, pois buscam compreender, descrever e traçar comparações entre o arcabouço teórico sobre as questões de análise (desmaterialização, saber-fazer e narrativas) e as práticas participativas em campo (Gil, 2007).

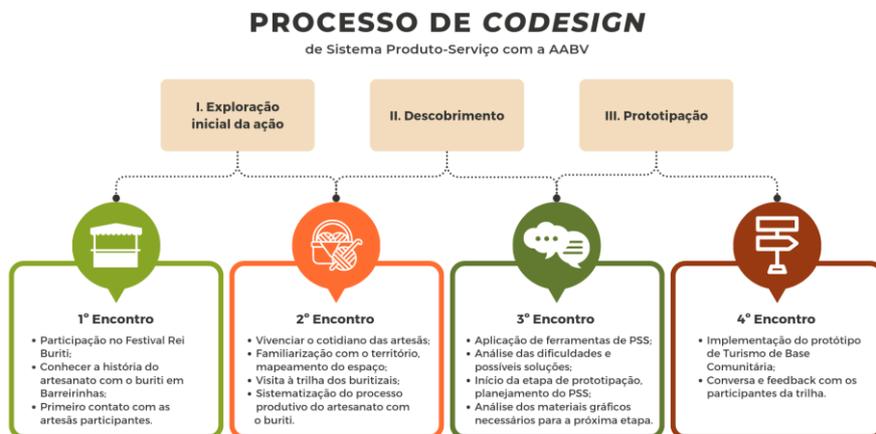
Segundo Akama e Prendiville (2014), o design de serviços encontra nas abordagens participativas um terreno fértil para a produção de suas práticas, dada a sua natureza que se distingue pela intangibilidade, heterogeneidade, ênfase na experiência, temporalidade não-linear e co-produção. Quando aliado ao designantropologia (Ingold, 2018; Noronha, 2018; Izidio, Farias e Noronha, 2023) e ao design participativo radical (Escobar, 2020), o design de serviços reconhece, acima de tudo, a emergência dos conhecimentos tácitos arraigadas às experiências cotidianas e a capacidade de improvisação criativa, por meio de coisas de design, materialidades que elicitam a emergência de narrativas entre as participantes (Binder *et al.*, 2011). Além disso, o desdobramento do processo de prototipação orienta a materialização do serviço, “dando vida” e experimentando coletivamente as experiências antes imaginadas.

Nesse sentido, fazer design é engajar-se intersubjetivamente e em tempo real com as pessoas e as coisas em campo, aliando a observação participante e o fazer criativo no processo de discussão e intervenção (Ingold e Gatt, 2013). No que tange à participação com comunidades produtivas vulneráveis, tradicionais e/ou marginalizadas, é necessário compreender como o fazer

criativo coletivo cria condições para sua autonomia, o qual converge para criação de um plano comum entre artesãs e pesquisadoras, um espaço onde as diferenças se instauram e constituem uma comunidade diversa cosmologicamente (Noronha, 2018).

O processo de design participativo foi realizado seguindo as etapas de pesquisa definidas por Spinuzzi (2005): exploração inicial da ação (I), que consiste em conhecer o ambiente e as pessoas envolvidas na pesquisa; processo de descobrimento (II) no qual há uma interação maior entre pesquisadoras e participantes; por último, a prototipação (III). Tais etapas desenrolaram-se em quatro encontros com a comunidade de artesãs da Boa Vista apresentados no diagrama a seguir:

Figura 1 - Etapas do processo de codesign.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2024)

Nota-se que em um encontro pode acontecer mais de uma etapa do processo de *codesign*, isso por ele não ser um processo linear, mas sim de constante movimento em que sempre pode haver uma retomada à etapas anteriores, exatamente por tratar de problemas complexos para além de solução de problemas e criação de produtos físicos, reinventando-se de acordo com o contexto da pesquisa. O diagrama foi elaborado dessa forma para melhor visualização das ações realizadas durante as visitas.

Em cada um dos momentos elencados, foram utilizadas técnicas, ferramentas e abordagens de pesquisa específicas de acordo com o objetivo pretendido. Nos processos de “Exploração inicial da ação” e “Descoberta”, valemo-nos da observação participante (Ingold e Gatt, 2013), diário de campo e mapeamento do território e da cadeia produtiva, que possibilitaram a nossa participação no interior do cotidiano da comunidade, a documentação diária dessas experiências, a identificação dos marcos especiais da Boa Vista e a sistematização das etapas produtivas locais com a fibra de buriti, respectivamente.

No que tange às ferramentas para prototipação do PSS, na etapa de idealização, adaptamos a conhecida técnica do *brainstorming*, a fim de elencar os problemas e selecionar possíveis soluções. Em seguida, fizemos a hierarquização das alternativas por meio da colagem de adesivos que indicassem as opções mais próximas das expectativas das artesãs. Além disso, utilizamos a ferramenta do *card sorting* com o intuito de apresentar estratégias já existentes de turismo de base comunitária.

O processo de geração de conceitos do PSS contou com o mapeamento da jornada, em que as artesãs puderam especular sobre a ideia selecionada por meio da ferramenta *Scenes*, uma

espécie de cenário de bonecos (Halse, 2013), traçando o trajeto do circuito da experiência turística sobre o mapa do território produzido. Por fim, realizamos a prototipação, através da técnica de encenação (Schleicher, Jones e Kachur, 2010), possibilitando a experimentação do circuito selecionado pela comunidade. Esta ação aconteceu tanto em nível interno, reunindo as artesãs e as pesquisadoras, quanto externo, quando foram convidados atores para assumir o papel de potenciais turistas participantes do serviço.

Com relação às questões éticas, a pesquisa foi submetida e aceita pelo Conselho de Ética e Pesquisa sob número de protocolo 037532/2024, além disso os participantes autorizaram sua participação e uso de nome verdadeiro e imagem via confirmação do termo de consentimento livre esclarecido.

4. Resultados e discussões

A primeira etapa do processo de codesign (“Exploração Inicial da ação”) ocorreu em dois momentos: inicialmente, participamos de um evento realizado pelas artesãs de Barreirinhas, o Festival Rei Buriti, conhecemos as diversas técnicas presentes no artesanato com o buriti na região, a origem do artesanato como fonte de renda e também nos familiarizamos com o processo produtivo como um todo. Nesse primeiro encontro, tivemos uma rápida conversa com as artesãs da AABV para apresentar os objetivos da pesquisa e entender as necessidades e desafios atuais do grupo. No segundo encontro, tivemos a oportunidade de vivenciar o cotidiano das artesãs que moram ali perto e, através de uma roda de conversa (figuras 2 e 3) no quintal da casa de uma delas, debaixo de um pé de jambo, nós conhecemos as histórias individuais, coletivas e a relação pessoal que elas têm com o fazer artesanal e o espaço que ocupam.

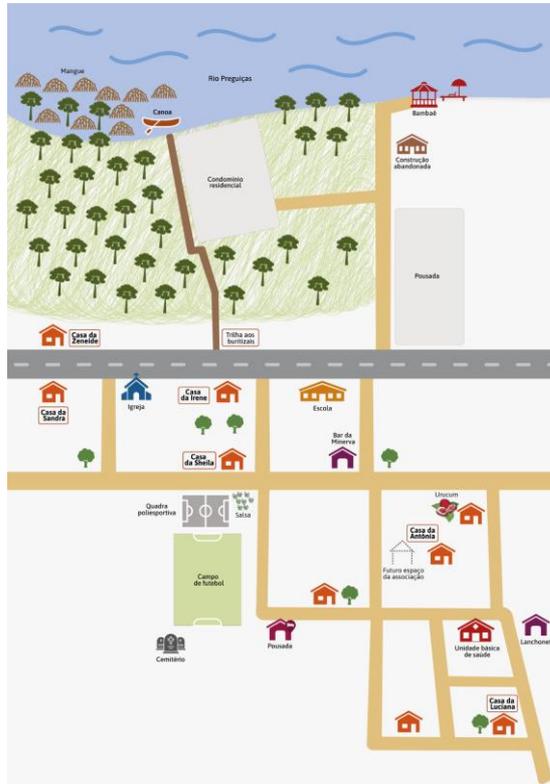
Figuras 2 e 3 - Roda de conversa com as artesãs da AABV.



Fonte: das autoras (2024)

Estas narrativas também foram compartilhadas à medida que caminhávamos pela comunidade. Visitamos o local onde crescem as palmeiras do buriti, o qual, posteriormente, seria a trilha utilizada para o turismo de base comunitária. A busca pela implementação desta iniciativa se deu como uma demanda trazida pelas próprias artesãs, que perceberam a potencial do oferecimento de serviços atrelados à vivência do saber-fazer como um adendo às suas produções, tendo em vista a salvaguarda do conhecimento tradicional e a já existência de uma iniciativa semelhante em outra comunidade de Barreirinhas. Assim, mapeamos o território (figura 4) e sistematizamos o processo produtivo com base nas vivências das artesãs que estiveram conosco naqueles dias.

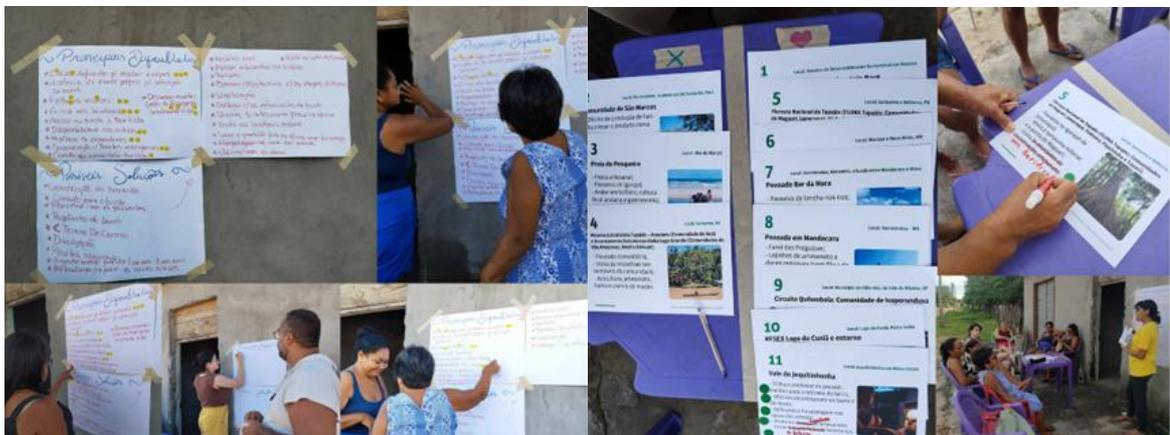
Figura 4 - Mapeamento do território.



Fonte: elaborado pelas autoras (2024)

A partir do terceiro encontro, foi iniciado o processo de prototipação interna em colaboração com as artesãs da associação. Primeiramente, buscamos conhecer mais sobre os desafios e barreiras que impediam as artesãs de implementar o turismo de base comunitária para valorização do território e do artesanato, através da ferramenta tempestade de ideias (*brainstorming*). Por meio dessa ferramenta, as artesãs perceberam como elas eram capazes de construir soluções que se aproximavam da sua realidade e como elas poderiam envolver a comunidade nesse processo, impulsionando a cultura e economia local do bairro da Boa Vista.

Figuras 5 e 6 - *Brainstorming* e *Card Sorting*.



Fonte: das autoras (2024)

Visando incitar o pensamento e a criatividade, adaptamos o *Card Sorting* a fim de apresentar outras comunidades que realizam serviços semelhantes ao PSS co-criado, exibindo diversas

possibilidades de difundir seus saberes e promover a valorização dos aspectos naturais imbricados produção artesanal para os participantes da iniciativa. Além disso, solicitamos que elas classificassem os cartões de acordo com o que mais se aproximava do que elas sonhavam realizar (figura 6). Quando questionado se seria necessário algum material gráfico para auxiliá-las a contar a história do fazer artesanal, as artesãs asseguraram que não seria preciso, pois o conhecimento contido na experiência prática se externa facilmente em histórias:

Não precisa nada, precisa estar na memória. Isso aqui já está aqui, na convivência desde que a gente nasceu [...] O turista quando ele vem, ele vai querer saber... Nossa, que trabalho lindo, com quem vocês aprenderam? A maioria pergunta isso. Nós estamos ali no centro de artesanato, eles já perguntam. Isso aqui, esse trabalho que a gente faz, vem de nossos pais, é tipo nadar. Criança que mora perto do rio, ele nada sem ninguém ensinar (Zeneide)

A partir disso, percebemos como o processo de aprendizado que as artesãs tiveram se difere de como acontece hoje. Elas aprenderam o saber-fazer através da observação e da oralidade. O crochê ou o macramê não foi necessariamente ensinado como em um curso, esse conhecimento foi ensinado com base na experiência, no ato de observar suas mães e avós fazerem. Seus saberes foram passados por meio da convivência, nas conversas do cotidiano, enquanto teciam peças com a fibra. No dia a dia, elas observavam suas mães cortarem, tingirem e emendarem o linho. Assim, o saber-fazer excede sua dimensão utilitária e econômica, pois está intrinsecamente ligado às suas identidades como indivíduos, e atinge o nível de prazer, momento de autocuidado e mesmo como terapia, como observam Mourão *et al.* (2022). Comunicar e expor para as outras pessoas sobre as histórias que circundam o artesanato em Boa Vista é como falar de si mesmas, de suas próprias narrativas de vida.

Ao final do terceiro encontro, aplicamos o mapeamento da jornada em sobreposição ao mapa do território desenhado anteriormente. Este processo foi realizado em conjunto à ferramenta *Scenes* (figuras 7, 8 e 9) com o intuito de incitar o imaginário das artesãs, provocando-as a pensar o serviço como se ele estivesse em pleno funcionamento, bem como a sistematizar as trilhas e circuitos a serem oferecidos por elas.

Figuras 7, 8 e 9 - *Scenes*.



Fonte: das autoras (2024)

Através da tangibilização do território na forma de um mapa, foi possível construir

significados em torno do percurso imaginado. Por meio das representações físicas de pessoas, lugares, objetos, materiais e ações, elas puderam construir narrativas visuais, levando ao delineamento das possíveis evidências materiais do PSS, isto é, os elementos e narrativas a serem compartilhadas com o turista para promover a aproximação com o contexto cultural local. Ademais, foi acordado qual seriam os lugares do território que fariam parte do percurso: primeiramente, a recepção dos turistas e café da manhã na casa da artesã Toinha; em seguida, a caminhada pelas ruas da comunidade até a trilha dos buritizais, para observar as palmeiras de buriti e extração do olho *in locu*; e, por fim, a vivência do processo de produção, tingimento, almoço e socialização na casa da artesã Sheila.

Ao término do processo, convidamos as artesãs a encenarem todo o percurso para nós pesquisadoras (figura 10), buscando possíveis problemas a serem ajustados. Além disso, desdobraram-se as narrativas que seriam contadas em cada momento do trajeto e local do território a fim de destacar a importância do fazer artesanal e como isso está intrinsecamente ligado às histórias de diversas mulheres artesãs da comunidade da Boa Vista.

Figura 10 – Prototipação interna: encenação do percurso do Turismo de base comunitária.



Fonte: das autoras (2024)

A prototipação externa (figura 9 e 10) aconteceu no último encontro. A equipe de pesquisadoras entrou em contato com quatro pessoas que residem em Barreirinhas para assumirem o papel de potenciais turistas e preparou todo o material gráfico necessário, como os convites para os turistas, os banners informativos, *flyer* sobre o serviço e placas de sinalização. As artesãs participantes organizaram o espaço para receber os turistas, prepararam lembrancinhas, almoço e todas as coisas que precisaríamos para realizar o percurso co-criado.

Figuras 11 e 12 - Prototipação externa.



Fonte: das autoras (2024)

O percurso iniciou com a narração da artesã Luciana, que assumiu a tarefa de contar as histórias sobre o saber-fazer durante todo o trajeto. A princípio, Luciana compôs um retrato da situação presente da comunidade de artesãs da Boa Vista, entrelaçando o contexto às especificidades de suas linhas de vida.

O bairro tem mais de cinquenta artesãs, né? Eu sou filha de artesã. Meu pai foi lavrador e pescador e minha mãe, artesã, me criou como artesã. Só que hoje em dia, por já ter se passado muito tempo, tem só as filhas que ainda

trabalham, e também muitas das artesãs se aposentaram. (Luciana)

Logo, a artesã começou a narrar as histórias em torno do artesanato na Boa Vista, evidenciando a transformação do território e do modo de atribuição de valores ao artesanato. A narrativa do passado é trazida como um modo de atualizar a percepção atual sobre o artesanato em fibra de buriti na comunidade, demonstrando como as mudanças ao longo do tempo contribuem para a concepção de uma identidade sempre em produção.

Naquela época, o artesanato não era reconhecido. E também ele não era vendido. [...] Elas trabalhavam por necessidade. Hoje nós trabalhamos por amor mesmo. Mas na época eles trabalhavam porque era necessidade. A mulher não tinha um outro ganho, um ganho extra. O único ganho que tinha era o artesanato e eles pegavam e trocavam as peças nos outros municípios vizinhos, indo a cavalo, não sei quantos quilômetros, para poder trocar pelo alimento. Para poder trocar e ajudar o homem dentro de casa. (Luciana)

O artesanato que antes era uma moeda de troca, fruto da “necessidade” imediata, passa a ser valorizado como um saber-fazer tradicional, um “trabalho por amor”, acompanhando o ritmo de crescimento e aumento de volume de turistas no município de Barreirinhas. As artesãs ressaltam que, atualmente, há um processo de valorização do trabalho artesanal por conta da ampliação de seu alcance e de uma dinâmica de maior reconhecimento do valor simbólico-cultural impresso no saber-fazer.

Hoje em dia não, graças a Deus nosso artesanato já é muito... já está sendo valorizado. Precisa melhorar mais. Nosso trabalho precisa ser mais reconhecido. Mas é nosso pouco mesmo aqui. [...] A gente se considera que já faz parte da cultura do nosso município, porque dependemos da palmeira. (Luciana)

Na última sentença, percebemos a relacionalidade do saber-fazer, quando a artesã identifica a palmeira do buriti como um elemento cultural do território. Nesse sentido, as narrativas trazem a interrelação entre as identidades do buriti e as identidades das artesãs, que, em seu cruzamento, possibilitam a noção do saber-fazer com buriti como um símbolo cultural. Como reflete Pérez-Bustos (2016), o conhecimento artesanal está situado em uma teia de cuidado entre seres vivos que se vinculam para sustentação da vida e, geralmente, coabita um contexto precário e feminizado, que torna invisível seus atores. As vidas dos buritis, das artesãs e da comunidade estão entrelaçadas, pois cuidar da preservação dos buritizais e evitar sua devastação permite não somente a permanência da produção e a geração de renda, como também o trabalho associado e o prolongamento cultural da tradição artesanal.

Desse modo, há uma preocupação constante sobre a continuidade do saber-fazer, entendendo a oportunidade da partilha do conhecimento para novas gerações e para os visitantes da comunidade, para evitar que este venha a ser extinguido.

E aí a gente sentiu uma necessidade de criar um projeto desse na comunidade para repassar o conhecimento, não deixar morrer o conhecimento que a gente sabe. Também para dar mais valorização à palmeira do buriti, que, na verdade, dela não se estraga nada, né?

[...] Mas a gente não tem espaço. A gente vai nas casas das amigas. A gente dá um jeito, mas repassar esse conhecimento. [...] Porque é importantíssimo

para o futuro das nossas crianças, para o futuro dos nossos visitantes. Por que aí ele vai chegar lá e vai dizer: olha, hoje em dia eu sei o que é a palmeira, eu sei a importância da preservação [...] Até [mesmo] repassando esse conhecimento. (Luciana)

Assim, a continuidade do saber-fazer por meio da produção de narrativas oportuniza a criação de condições de sua própria autonomia (Escobar, 2016), visto que, coletivamente, as artesãs são capazes de construir experiências, projetos e iniciativas situadas para preservação da prática. Sobretudo, a autonomia emerge no seio de uma coletividade articulada e empenhada no processo de continuação, transformação e atualização das narrativas relacionadas aos conhecimentos, técnicas, percepções, valores e identidades em torno do saber-fazer.

Ao final do processo de prototipação, pedimos aos convidados para dar um *feedback* de todo o processo que foi marcado por incentivos e mensagens de apoio, afirmando a riqueza do conhecimento apresentado e da necessidade de mais pessoas conhecerem as histórias daquelas artesãs, além de destacarem o quão delicado e trabalhoso é o processo de produção, o que evidencia a necessidade do saber-fazer ser mais valorizado e repassado para as outras gerações. Entre os pontos de melhorias, destacam-se a organização do espaço e a sistematização do processo de tratamento da fibra até o início do processo de produção dos produtos artesanais em forma de estações, visando otimizar o tempo e, assim, ajustar o foco para as narrativas e histórias a serem compartilhadas naquele momento.

Portanto, há um jogo entre materialização e desmaterialização, uma vez que a experiência materializada na encenação proporciona a imaterialidade dos processos futuros. Nesse sentido, desmaterializar é criar outras materialidades que sejam mais plausíveis, em termos de geração de trabalho e renda, visto que se apresenta como uma produção alternativa à escassez da matéria-prima no território da Boa Vista.

Ao longo de todo processo de pesquisa, a comunicação com as artesãs foi mantida através de plataformas virtuais, o que diminuiu as distâncias e facilitou o acesso às novas atividades e acontecimentos cotidianos. Em decorrência da necessidade da materialização do PSS, as artesãs levantaram a preocupação com a existência de um espaço para realização de tais atividades vinculadas à associação.

Figura 13 - Sede em construção.



Fonte: Antônia Vieira (AABV)

Assim, algumas semanas após a prototipação com os turistas, fomos informadas que as

artesãs haviam iniciado a construção da sede no terreno externo à casa de uma das artesãs (Figura 13). Isto evidencia a autonomia das artesãs em responderem às situações concretas e elaborarem realidades mais desejáveis, fazendo emergir ações situadas a partir de suas próprias formas de fazer e suas visões de mundo. Além disso, tangibiliza as reverberações de processos de design que não delimitam um caminho linear a ser seguido, mas se orientam à produção de um plano comum que abre os caminhos ao cultivo das relações e ao reconhecimento de saberes múltiplos.

5. Considerações finais

Com base no processo de design participativo de sistema produto-serviço, percebemos como a valorização das relações e a tangibilização dos conhecimentos tradicionais pode promover a continuidade do saber-fazer com a fibra de buriti na comunidade. Tais processos se evidenciaram ao longo da investigação em campo, desde as ações contínuas de observação participante e vivência cotidiana com as artesãs, até o transcurso das etapas de produção do sistema produto-serviço, culminando em uma vivência narrativa que materializou o itinerário previamente imaginado pelas artesãs.

Tendo como ênfase o projeto do sistema produto-serviço, observamos como as etapas iniciais de idealização tencionou a tomada de consciência das artesãs, permitindo que elas visualizassem os principais desafios e soluções para implementação do serviço, por meio do diálogo coletivo facilitado pelas materialidades produzidas.

As relações emergem no centro do processo de delineamento e prototipação do PSS, possibilitando a produção de uma experiência comum entre os atores envolvidos. Por meio do fazer coletivo, é possível reconhecer os saberes que gradualmente vão se tornando tangíveis no ato de narrar suas histórias. Primeiramente, o mapeamento da jornada do PSS, com base no desenho do mapa da Boa Vista e da ferramenta *Scenes*, possibilitou a construção de narrativas que transformaram seus conhecimentos tácitos e orais em representações concretas. Logo, estas concepções se tornaram reais através do roteiro vivenciado com os turistas e as pesquisadoras, momento em que a encenação e a contação de histórias externalizou os significados, memórias e aspirações em torno da dimensão simbólica do fazer artesanal na Boa Vista.

Em um nível mais profundo, a narração tangibiliza histórias de vida individual e coletiva, promovendo um sentido de pertencimento e valorizando os saberes tradicionais. Ouvir, vivenciar, registrar e sistematizar essas narrativas é um processo fundamental para a persistência do saber-fazer, criando um registro tangível a ser compartilhado não só para promoção do turismo de base comunitária, mas também para o futuro da prática através da educação das novas gerações.

O projeto em que essa pesquisa está vinculada contempla ainda uma oficina de comunicação que objetiva pensar maneiras de promover o sistema produto-serviço cocriado para o público, uma vez que ele for implementado. Além da comunicação com os turistas, serão analisadas formas de transmitir a proposta para agências de turismo e hotéis, a fim de firmar parcerias, e para a comunidade, visando integrar os moradores, movimentar a economia local e valorizar a cultura do bairro da Boa Vista como um todo. Tal oficina será importante para observar e discutir as diferentes narrativas que serão contadas, delinear a linguagem a ser abordada na relação com cada grupo de interesse, compreendendo como o design pode apresentar esses entrelaçamentos.

6. Referências

- AKAMA, Y.; PRENDIVILLE, A. A phenomenology of co-designing services: the craft of embodying, enacting and entangling design. In: **Crafting the Future**: 10th European Academy of Design Conference (pp. 1-16). University of Gothenburg, Sweden: 2013.
- BINDER, T., DE MICHELIS, G., EHN, P., JACUGGI, G., LINDE, P.; WAGNER I. **Design Things**. Cambridge, MA: The MIT Press, 2011.
- BRASIL. Decreto Nº 9.763, de 11 de Abril de 2019. Regulamenta o disposto no inciso XI do caput do art. 5º da Lei nº 11.771, de 17 de setembro de 2008, que dispõe sobre a Política Nacional de Turismo, com vistas a desenvolver, a ordenar e a promover os segmentos turísticos relacionados com o Patrimônio Mundial Cultural e Natural do Brasil., **Legislação da Presidência da República**, Brasília, 2019. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/d9763.htm. Acesso em: 21 jun. 2024.
- ESCOBAR, Arturo. **Autonomía y diseño**: la realización de lo comunal. Popayán: Universidad del Cauca Sello editorial, 2016.
- ESCOBAR, Arturo. Contra o terricídio. In: **Participatory Design Conference**, 2020, Colômbia. Tema: participações “outras”. Tradução Maria Cristina Ibarra Hernandez. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/190>. Acesso em: 06 maio 202
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.
- GONÇALVES, J. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. (orgs.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2013. p. 21-29.
- HALSE, Joachim. Ethnographies of the Possible. In: GUNN, W.; OTTO, T.; SMITH, R. C. (Ed.). **Design Anthropology**: Theory and Practice, p.180-196. Bloomsbury: London, New York, 2013.p.
- INGOLD, Tim. **Being Alive**: Essays on movement, knowledge and description. Routledge, London: 2011. 279p.
- _____. **Anthropology and/as Education**. 1ed. Routledge: London, 2018
- INGOLD, T.; GATT, C. From description to correspondence: Anthropology in real time. **Design Anthropology**: Theory and Practice, eds. W. Gunn, T. Otto and R. Charlotte-Smith. London: Bloomsbury, pp. 139-158, 2013.
- IZÍDIO, L. L.; FARIAS, L. G. D de; NORONHA, R. G. Reapropriação ontológica por meio de designantropologia: produção de narrativas e subjetividades com as artesãs de Paço do Lumiar, Maranhão. **RChD: creación y pensamiento**, 7(12), 5-22. <https://doi.org/10.5354/0719-837X.2022.67632>, 2022
- KELLER, Paulo Fernandes. TRABALHO ARTESANAL EM FIBRA DE BURITI NO MARANHÃO. **Cadernos de Pesquisa**, v. 18, n. 3, 23 Nov 2011 Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/647>. Acesso em: 24 jun 2024
- MACDONALD, K. A Spindle, an Awl, and the Construction Tools of Tla’amin Histories in the Twentieth Century. **Native American and Indigenous Studies**, 7(1), 3-35, 2020. doi:10.5749/natiindistudj.7.1.0003

MANZINI, E.; VEZZOLI, C. **Product-Service Systems and Sustainability. Opportunities for sustainable solutions.** Interdepartmental Research Centre Innovation for the Environmental Sustainability, Milano: 2002.

MASCÊNE, Durceline Cândida; TEDESHI, Mauricio. **Termo de Referência:** atuação do SEBRAE no artesanato. Brasília: SEBRAE, 2010

Mourão, N. et al. (2022). Fazer para o bem viver: notas sobre cuidado e felicidade em práticas criativas de mulheres no Maranhão. In: Noronha, R. et al. (orgs.). **Comunidades Criativas e Saberes Locais:** experiências do PROCAD-AM (UFMA-UEMG-UFPR) (pp. 163-182). Editora Insight

NORONHA, R. The Collaborative Turn: Challenges and Limits on the Construction of a Common Plan and on Autonomía in Design. **Strategic Design Research Journal.** vol 11(2):125-135. Unisinos. 2018.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. El potencial epistemológico y teórico de la historia oral: de la lógica instrumental a la descolonización de la historia. **Revista Temas Sociales,** n. 11, IDIS/UMSA, La Paz, 1987, p. 49-64.

RUEDA, Eduardo. Orígenes y trayectorias de la humanidad: narraciones originarias y emancipación. In: RUEDA, Eduardo et. At. (Org.). **Retornar al origen:** narrativas ancestrales sobre humanidad, tiempo y mundo. Buenos Aires: CLACSO; Montevideú: UNESCO, 2022. p. 17-22.

SCHLEICHER, D. J.; JONES, P. H.; KACHUR, O. **Bodystorming as embodied designing.** Interactions, 17, 47-51, 2010.

SPINUZZI, Clay. The Methodology of Participatory Design. **Applied Research,** [s.l.], v. 52, n. 2, 2005.